



TRIBUNA DE COIMBRA

Sessenta e dois anos

FOI há 62 anos, 7 de Janeiro de 1940. Nascia esta Casa do Gaiato: «*uma modesta quinta a custo adquirida... para dar paz a horas tormentosas de não poder remediar a situação do garoto da rua. Tinha uma casa para eles!*...» Há muito que Padre Américo empenhara a sua vida toda ao serviço dos Pobres. A baixa coimbrã era sua testemunha e confidente certa deste palmilhar. As colónias de férias foram grandes momentos desta realização e entrega. Mas chegavam as horas amargas do regresso...: «*Deixe-me ficar consigo... que em casa passamos fome...*» Foi o mote de um poema que se chama Casa do Gaiato, escrito, quantas vezes — Deus o sabe — com tinta cor de sangue.

Foi há 62 anos, um grito vindo das profundezas da alma humana ferida pelo abandono e pelo sofrimento. A alma dos pequeninos, das crianças indefesas, sem família. Um grito que encontrou eco nas profundidades de outra alma ferida pela dor dos Pobres: «*Tinha uma casa para eles*». Longe de teorizar uma resposta, de institucionalizar uma instituição, o Padre Américo, conhecedor dos verdadeiros remédios aponta a terapia: «*Todo o regresso a Nazaré é progresso social cris-*

tão», a família compreendida como modelo de relação e factor educativo. Família onde a interdependência seja norteada pelo amor. «*Deles, por eles e para eles*».

Assim, há décadas a fio, pois as dores dos Pobres não param e os gritos dos pequeninos mais lancinantes. São de contornos muito difíceis as novas formas de pobreza. O abandono é mais chocante. Muitos dos nossos chegam sem referências parentais significativas, com fomes espirituais escondidas de amor, de afecto.

Quem vem abrir clareiras nesta floresta?! Homens e mulheres de Esperança, precisam-se! O Padre Américo é uma referência incontornável. O Padre Horácio que neste dia recordamos, e que temos sempre presente, foi durante décadas activas, outra referência. Homem humilde e pobre, dorido pelos problemas dos sem-casa, nestes últimos anos da sua vida não parava na tentativa de ajudar e dar a mão aos que precisavam de um «*pequeno auxílio*» para acabarem um telhado, fazerem uma casa de banho, arranjarem mais um quarto para o bebé que havia de nascer em breve.

Como poderia ser, se uma multidão de Amigos não nos adoptasse permanente-



A primeira Casa do Gaiato em Miranda do Corvo

mente com o seu coração e partilha fraterna? Mais que os poderes instalados, muito mais que os grandes em suas poltronas de saber teórico, têm sido os Pobres, os Humildes, aquela gente rara no discernimento e na partilha que têm sustentado a Casa. Gente das Beiras, das suas cidades,

vilas e aldeias que n' O GAIATO continua a descobrir o bem que o Padre Américo lhes faz.

Neste dia de aniversário pedimos a Deus por todos, por esta grande Família de fora e de dentro.

Padre João

MOMENTOS

Cheirinho a sobrenatural

A Obra da Rua faz anos. Apesar dos 62 anos surge nova como ao nascer. A sua originalidade brota da vida. Não admira, pois, o espanto provocado.

São alguns os alunos de Psicologia e outras Ciências do Homem, de diversas áreas, que recorrem à Casa do Gaiato como tema dos seus trabalhos.

Em Setúbal era assim e, aqui, em Paço de Sousa, o mesmo.

Agora, chegaram quatro a fazer um estudo sobre a marginalidade juvenil.

Ora, eu tinha trazido de um bairro social dos arredores do Porto dois rapazinhos, na véspera.

Perguntei aos quatro estudantes se conheciam a fonte da marginalidade. A resposta foi pronta: — *A droga... a prostituição... o alcoolismo...*

Respondi-lhes que não só. A primeira de todas é o desamparo social.

A casa é importante. O rendimento mínimo controlado, também. Mas tudo se perde, se não há amparo.

E quem o dá? — O Estado? Só quando a consciência e a dor dos Pobres é viva. O Estado normalmente instala-se em normas, decretos e regulamentos. Pouco acompanha. E os agentes oficiais com seus cursos superiores e diplomas — Doutores

Continua na página 3

O ano acaba e o balanço não é feliz: nem o que resta dele nem o que se adivinha para o futuro imediato.

É chocante a discrepância entre o estado do mundo e o anúncio profético de harmonia e paz universal para o tempo messiânico, que Jesus confirma ter chegado ao credenciar-Se junto de João Baptista com a boa notícia de que «os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados — e feliz o que não se escandaliza a Seu respeito». Não se escandalizar a respeito d'Elè, é aceitá-lo sem reservas na relação que Ele veio estabelecer com cada homem: uma Aliança Nova, bilateral que, pessoalmente vivida, tornará pacífica e feliz a sociedade dos homens. Uma relação simples que não revoga mas sintetiza tudo o que fora dito em Alianças anteriores e é fundamento constitucional de qualquer relação harmoniosa entre pessoas: «Amarás — primeiro a Deus, o Amor, a Fonte da Qual irás

Notas do Tempo

beber o amor com que amarás o Próximo, que é o artigo segundo da Nova Aliança».

Não será esta simplicidade o «escândalo» que torna os homens infelizes? Se subjacente a todo o relacionamento humano estivesse este princípio do amor, como seria fácil e expedita, parca de leis e normas, de limitações e de penas, a vida dos homens! A Justiça brotaria com espontaneidade porque o amor do outro faz ver e respeitar o seu direito. A liberdade de cada um saberá contê-lo perante a do outro. Só assim o homem poderá ser verdadeiramente livre, auto-limitado, sim, mas por normas vindas da consciência.

É — foi sempre — a debilidade da consciência, o que explica a discrepância chocante de que venho falando. Têm-se procurado fórmulas de sociedade que façam os homens pacíficos e felizes, mas ainda ninguém a achou. Entre extre-

mos; ou em nome de uma justiça desumana se tenta igualizar os homens mediante o império total da sociedade; ou, em nome de um respeito hipócrita pela liberdade do homem se deixam os lobos à solta... e salve-se quem puder.

Cristo veio para o homem, para que o homem conhecesse e crescesse na vontade de construir uma sociedade justa, fraterna, uma sociedade que fosse habitat do homem, mas sempre ela para ele, ela refletindo sobre ele a sua própria bondade na razão directa do esforço de cada um para a erguer perfeita. Cristo não veio redimir as sociedades senão mediante homens redimidos. Homens perfeitos para que a sociedade seja justa e fraterna — eis o desafio que lançou e para cuja efectivação deixou graças suficientes.

«Sede santos porque o vosso Pai Celeste é Santo». Sejamos santos como Deus Se revelou em Jesus Cristo — a Santidade ao alcance

dos homens. E só com esta arma personalizada os homens poderão caminhar para a sociedade justa e fraterna que tem o seu ponto de tangência no infinito, a Santíssima Trindade, na Qual a diversidade das Pessoas não fere a Unidade da Natureza que é o Amor.

Também a unidade de natureza não seria ferida entre os homens se entre eles circulasse o amor fraterno, apesar das diversidades que há entre os biliões que constituem a Humanidade.

«Onde o amor, aí está Deus». Deus-Fonte inesgotável que irá renovando o caudal e purificando a circulação do amor, que o tornará possível aos homens que querem, da sua parte, firmar a Nova Aliança, definitiva, que Deus lhes oferece: «Amarás».

Utopia?...! Porque não dizermos, antes, transcendência?...! E não é esta a meta (e o dinamismo) do homem que crê?

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MENSAGEM DE NATAL — Nós socorremos muita gente! Alguns Pobres já no fim da vida. Outros, em horas difíceis. Assim, procuramos cumprir o Mandamento Novo.

Uma velhinha precisava de energia eléctrica em sua modesta casa. A filha tomou a iniciativa. Correu e saltou para conseguir o suficiente destinado à instalação, regularização do serviço, e tudo o mais. Curiosamente, a Junta de Freguesia contribuiu do seu pouco. Os filhos, também. A nossa Conferência, idem. No calor da cozinha a pobre mulher poderá cantar ao Deus-Menino.

Há dias, um casal pediu ajuda para a compra de óculos com muita graduação. Procuraram auxílio, até na Segurança Social, que não deu nada — até hoje. Diz o pai: — *A minha mulher tem muita necessidade desses óculos para o serviço doméstico...* Avançamos com quarenta mil, e o casal deu graças ao Deus-Menino. Pena temos que protelem a entrada de água ao domicílio nas casas do Património dos Pobres!

Obviamente, procuramos acudir ainda a jornaleiros que precisam de pagar os descontos à Segurança Social. Toda a gente que trabalha precisa estar inscrita na Previdência para que, deste modo, amanhã, possam ter um pouco mais na velhice.

Nós comparticipamos no custo dos produtos farmacêuticos — que fazem parte da nossa mensagem de Natal, também.

VOZ DO PAPA — Excerto de mensagem para os migrantes:

«A presença de imigrantes não cristãos em países de antiga cristandade representa um desafio para as comunidades eclesiais. É um fenómeno que continua a pôr em acção na Igreja a caridade enquanto olha de novo o acolhimento e a ajuda a respeito destes irmãos e irmãs à procura de trabalho e alojamento. É, em certo modo, uma acção muito semelhante àquela que muitos missionários realizam em terras de missão, ocupando-se dos doentes, dos pobres e analfabetos. É este o estilo do discípulo: ele vem ao encontro das esperanças e das necessidades do próximo carenciado. O fim fundamental da sua missão é, porém, o anúncio de Cristo e do seu Evangelho. Ele sabe que o anúncio de Jesus é o primeiro acto de caridade para com o homem, para lá de qualquer gesto, mesmo de generosa partilha. Não haverá uma evangelização verdadeira 'se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, filho de Deus, não forem anunciados' (Evangelho de Nuntiandi, 22).

As vezes, por causa de um ambiente dominado por um indiferentismo e relativismo religioso cada vez mais espalhados, custa a aparecer a dimensão espiritual do compromisso caritativo. Do mesmo modo surge em alguns o temor

de que o exercício da caridade na perspectiva da evangelização os possa expor à acusação de proselitismo. Anunciar e testemunhar o Evangelho da caridade constitui o tecido conectivo da missão dirigida aos migrantes (Novo Milênio Ineunte, 56).»

PARTILHA — Vinte mil, «contributo para as muitas despesas com a ajuda prestada aos mais carenciados e que considero também partilha de Natal» — acentua a assinante 60788, do Porto.

Setenta e cinco euros do assinante 66933, do Porto.

A costumada remessa da assinante 31104, de Lisboa: «Peço que rezem por mim e como estamos na véspera de Natal, redobro o pedido». A força da Fé!

Mais dez mil, da assinante 28637, da Capital, e «paz na Terra para todos os Povos» disse.

Outra vez Lisboa, pela mão duma assinante, com «pequena dádiva para as obras mais necessitadas», como algumas moradias dos Pobres, em andamento.

Santo António dos Cavaleiros: Cheque da assinante 25741: «Acabo de ver o Famoso, pois leio-o sempre com muito interesse. Nunca é posto de lado! Envio uma pequena migalha para ajuda da despesa na farmácia».

O assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, com um cheque, afirma: «Tenho pena de não poder enviar mais vezes, ajudando a vossa cruzada».

Vem lá, agora, de Moimho Vedro, Quintiães, o assinante 21042, Professor de Português que jamais esqueço e a quem muito devo, com uma ajuda para a consola dos Pobres.

Penafiel com dez mil, da assinante 12319, «e não é preciso agradecer», afirma.

O costume, do assinante 42971, de Ovar, «para os mais necessitados». Idem, da assinante 11902, do Fundão. Dez mil, de Coimbra, «para aquecer o Natal dos mais carenciados», sublinha a assinante 9277.

«Para os que mais precisam», cinco mil, da assinante 70921, de Tábua. Dois mil e quinhentos, da assinante 12594, de S. Domingos (Sardoal), lembrando um sobrinho doente. Outro cheque, da assinante 49963, de Estarreja. Mais «umas migalhas de Sambrina», de algures. Idem, do assinante 23038, Oliveira do Douro. Vinte mil, de Maria Altina, Vale de Cambra. Euros, pela mão do assinante 4154, e «não é necessário acusarem recepção. Basta breve referência n' O GAIATO». Um gordo cheque do assinante 67835, da Covilhã. «Pequenina ajuda», do assinante 9790, de Perosinho, «lembrando as almas do Purgatório».

Carcavelos: «Pequena dádiva», da assinante 56198 cuja carta traz um pensamento de Paula Frassinetti. E, da assinante 7769, do Porto, outro cheque «para despesas urgentes». Fechamos a prestação com a presença da assinante 31254, de Fiães (Feira), que está connosco regularmente.

Em nome dos Pobres agradecemos e retribuimos os votos de santo Natal. Muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

NATAL — Já chegou. Os nossos rapazes ficaram felizes pelas prendas que tiveram. Na próxima edição faremos um relato da Festa.

CATEQUESE — Está a chegar o segundo período. Temos umas catequistas muito simpáticas. Esperamos que corra tudo bem até ao fim.

ALDEIA — A nossa Aldeia está cada vez com mais folhas. Os rapazes apanham carros e carros delas!

RETALHOS DE VIDA

Zeca

Sou o José da Cruz Domingos, conhecido por Zeca. Nasci em 16 de Julho de 1986. Sou natural de Malanje. Entrei na Casa do Gaiato, juntamente com o meu irmão, Tonilson, em 5 de Setembro de 1996. Motivos da minha vinda: A minha mãe faleceu com problemas da guerra, e não havia quem tomasse conta de nós. Entretanto, uma Mãre trouxe-nos para a Casa do Gaiato de Malanje. E o nosso querido Padre Telmo recebeu-nos com alegria. Agora, encontro-me em Portugal, na Casa do Gaiato de Setúbal. Gosto muito de estar com esta malta! Falando um pouco de desporto, sou adepto do Futebol Clube do Porto.

Quando for grande, não sei o que o destino reserva para mim. Mas, na verdade, quereria ser escriturário.

Zeca



VACARIA — Algumas vacas foram para o matadouro, para comermos carne, que nos faz bem à saúde. Também abatemos porcos para as nossas refeições.

Rogério

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Recordamos o Nascimento de Jesus. É um tempo muito alegre e bonito. Cá em Casa recebemos muitas prendas, comemos muitos doces que os nossos Amigos oferecem. Desde já queremos agradecer a todos e desejamos Festas Felizes.

OBRAS — Continuam as obras de melhoramento na casa mais antiga. Vai ficar com casas de banho mais confortáveis e com cabinas de banho para substituírem os balneários antigos.

FESTAS — Estamos a combinar a realização das nossas Festas. Daremos notícias, brevemente.

ESCOLA — O primeiro período está quase a terminar. Alguns rapazes vão ter boas notas, outros tê-las-ão más. Esperamos que todos entrem com «o pé direito» no novo ano.

VISITAS — Nesta quadra natalícia temos recebido muitas que nos trazem coisas boas: alimentos, vestuário, calçado e nos desejam um bom Natal.

AGRICULTURA — As hortas estão muito bem tratadas. É o «Zé Pinóquio» que conduz os tractores e orienta alguns trabalhos agrícolas.

GADO — Já nasceram coelhos. Uma porca pariu uma linda ninhada de leitões. São onze porquitos. Nós gostamos muito de leitão assado. Temos também uma linda ninhada de pintos, acabada de nascer. Os frangos oferecidos pelo *Aviário de Santa Cita* estão crescidos e prontos para abater. Os nossos patos estão gordos. Vamos fazer arroz de pato para o Natal.

DESPORTO — Recebemos um grupo da Pampilhosa do Botão. Participaram na Missa de Domingo e logo de seguida nos propuseram um jogo de futebol. Na primeira parte entrámos mal, mas na segunda resolvemos o jogo. O resultado ficou 7-5 a nosso favor. Tivemos pena de um jogador deles que ficou lesionado. Agradecemos a visita e esperamos que outros grupos venham ter connosco. Muito agradeceríamos que nos oferecessem material desportivo: bolas, chuteiras e outro equipamento.

Boas Festas!

Hugo Vieira

SETÚBAL

JOGO — Em 24 de Novembro recebemos os nossos companheiros do Tojal. Mostrámos

a nossa Casa e realizámos um jogo de futebol que vencemos por 4-2. O jogo esteve para ser adiado, mas foi bom terem vindo, porque gostámos muito de estar com eles.

Mário Queiroz

BEZERROS — Andam muito mal. Estivemos a dar-lhes injeções durante a semana porque andam com diarreia e é para ficarem bons. A malta é que trata deles.

CHUVA — Já há muito que não chovia. Gostamos que a chuva caia porque dá para regar o centeio, a cevada e a luzerna. Depois, o adubo para irem para cima mais depressa e darem muitos rebentos. Depois, ainda, são ceifadas e levadas para o silo. Levam bastante sal e são *calcadas* e, então, pomos por cima um oleado para não se estragarem.

HORTA — Na segunda-feira, o Fernando e o Amândio estiveram a carregar estrume para a horta, para semearmos as favas que a gente vai comer durante o Inverno. Os mais pequenos é que vão desfolhar as favas que vão para dentro dos sacos, agrafados e metidos dentro de caixas e, depois, para a arca, para se não estragarem.

Nuno Lagarto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Esta é a crónica de Natal, o velhinho tema que em cada ano se repete com uma emoção sempre diferente e uma magia de saudade.

Respira-se bondade, nesta fase tranquila de tão escassas horas. Realiza-se o versículo litúrgico que invoca a «paz na terra, aos homens de boa vontade» e até se reconhece, nos gestos e na alma, mais delicadeza e um desejo de ser agradável e de sorrir ao nosso semelhante. A piedade é mais viva e mais sensível e o amor tem um perfume de encanto e um significado quase tão amplo como o que encontrou na alma suavíssima do Pobrezinho de Assis.

E o gosto de viver assim, em Paz e em Amor, também aflora às almas e das almas sobem aos olhos, numa lágrima enternecida, à hora das saúdes, o «oxalá que de hoje a um ano, estejamos, aqui, todos, em volta desta mesa».

A palavra Natal tem um significado especial. Por isso, devia ser Natal todos os dias. Mas fazem-se gastos supérfluos nesta quadra! Esquecemo-nos que temos tantos irmãos carenciados de tudo! Não podemos nem temos o direito de pensar que, se eles estão assim, é porque querem... Quem assim pensa não é humano! A vida, por vezes, é madrastra para muitos, e a todos aqueles que têm um lar e uma família unida, que dêem graças a Deus porque sem Ele na nossa vida é um vazio.

As famílias andam tão desencontradas no amor, que até nos faz pensar que o espírito de família já é pouco

comum; dá ideia que passou de moda. Lamentamos todas as famílias que se encontram nesta situação. Todos precisamos de carinho. Os anos não passam só para os nossos pais. Nós, um dia, se lá chegarmos, também vamos sentir a falta desse afecto, mas só aí é que vamos lembrar que aos nossos pais não lhes demos, como devíamos, se não foi isso que transmitimos aos nossos filhos.

Para nós o Natal deve ser com a família, mas também sabemos que muitas estão ausentes e, para esses, que o Menino Jesus os abençoe e a todos nós.

Quanto aos Pobres que visitamos, esta quadra foi um pouco mais abençoada. Recebemos géneros alimentícios do Banco Alimentar e outras prendas. Ficaram radiantes. As gémeas estão lindas! Podemos considerar esta família um exemplo.

Amigos Leitores, agradecemos os donativos que nos enviaram e as palavras amigas. Não os mencionamos nesta crónica mas, sim, na próxima edição.

Um feliz e santo Natal.

Casal Félix

TOJAL

VISITAS — Temos tido muitas visitas o que é muito bom para nós. Há dias, recebemos três grupos que se dispuseram a pruder o seu tempo para nos darem atenção, oferecendo-nos um espectáculo. Agradecemos este momento maravilhoso e o carinho que dispuseram para connosco.

OVELHAS — O senhor José e o Rafael tiveram o agrado de repararem o curral das ovelhas e elas parecem mais confortáveis. Nos últimos dias o rebanho tem vindo a aumentar. Nasceram muitas crias.

ANO LECTIVO — Já terminou o primeiro período. Uns aproveitaram tudo, outros nem por isso. Mas quando chega a hora da verdade desejamos ter uma boa nota. Nessa altura prometemos estudar, mas o tempo já não volta atrás e acabamos por tirar más notas. Foi exactamente isso que aconteceu a um dos nossos rapazes.

Abílio Pequeno

Antigos Gaiatos de Malanje

ANIVERSÁRIO DA OBRA DA RUA — Uma senhora, muito linda, teve a infelicidade de ser abandonada pelo marido, com cinco filhos menores.

Um dos filhos abusava da noite e, com uma fisga, maltratava todas as lâmpadas de um bairro da Cidade de Malanje, e as ruas ficavam escuras.



Momentos

Continuação da página 1

— como se podem rebaixar à miséria das pessoas? Muito poucos e raros. Quase sempre de cima para baixo com resultados negativos.

Relatei aos interlocutores o estado miserável e degradante do núcleo humano de onde trouxe os dois pequenos. Um terceiro andar, de construção actual, com menos de uma dúzia de anos. Amplo. Completamente destruído. Móveis estilhaçados. Paredes e chão muito sujos. Vidros partidos!...

Ali se criaram onze crianças e se destruíram cinco. O de quinze anos tinha dado, nas vésperas, uma tarefa na mãe. Esta, encontrei-a na cozinha (?) de pijama a ver televisão com um namorado mais novo, enquanto os agora

meus pequenos se entretinham na sala, frente a outro aparelho, embrulhados num cobertor nojento sobre um sofá estragado. O cheiro, apesar do arejamento imposto, mantinha-se repelente.

Perguntei aos estudantes se alguma vez tinham encontrado no real, uma situação parecida. Se os seus professores, mestres do social e do humano, nalguma aula lhes haviam relatado situações semelhantes ou contado alguma vivência pessoal de miséria dos homens ou das mulheres.

A resposta surgiu espontânea, admirada e concomitante: — Não! Daqui nasce a novidade da Obra. Ela não anda nas Universidades. Não é doutora. Mergulha na vida e agarra-a.

Quando encontro estes diplomados nos Centros de todo o género, nos Tri-

bunais a interrogarem-nos, ou noutras instituições a fazerem relatórios, lembro-me dos técnicos de antigamente como a maior parte dos agrónomos que em vez de irem para o campo ficavam nos gabinetes a preencher papéis.

Depois, vêm os Governos dizer que gastam milhões com a Segurança Social, a solidariedade!... Gastam, sim. Mas não é com os Pobres. É com os que se instalam à custa deles e que recebem, além de bons ordenados, outras regalias, de consciência tranquila.

Como a Igreja Católica, com a sua Força de Amor Única na História, poderia e deveria agir.

Se os cristãos fizessem comunhão entre si e com os homens. Se sofressem activamente, e, nas suas obras, não se encostassem tanto ao Estado, às vezes copiando-o, e instalando-se também, como tudo seria mais novo, com cheirinho a sobrenatural e eterno.

Padre Acílio

ESTOU a escrever em pleno Advento.

Quando estas notas chegarem às vossas mãos, o Natal já foi. Como vai ser o Natal? Sei que «um Menino nasceu para nós, um Filhos nos foi dado.» Para quê? Para que todos sejamos filhos e irmãos. Contudo, ainda não é assim. Quando penso no Natal em nossa Casa, estou a pensar na multidão de filhos que não vão ter Festa. Que havemos de fazer? Não podemos chegar a todos. Também não devemos ficar indiferentes. Digo isto não para roubar a alegria da Festa, mas para que seja mais verdadeira.

A Festa anda muito ligada à família. É hora de encontro familiar. Os laços de sangue mostram a sua força. Os laços da justiça e da caridade não são mais fracos. Alargam o horizonte. Podem destruir barreiras. Aproximam as pessoas. Quem dera nos sintamos bem mais perto uns dos outros! Quem dera o nosso

BENGUELA

É tempo de Natal

coração cresça à dimensão do mundo! É tempo de abertura missionária. A Salvação veio para todos. A Festa deve ser também para todos. Mas há ainda o que não são nada e que nada têm. Esta linguagem pode parecer banal. Mas, diante da realidade que os nossos olhos vêem, como sentir e falar de outro modo? Queremos levar a inquietação salutar ao aconchego dos vossos lares. Queremos dizer-vos que leveis a Festa aonde ela não está. Não vos fecheis com a fartura que tendes. Pais, falai aos vossos filhos, doutros filhos que perderam os pais na guerra, ou foram abandonados sem culpa deles. São vítimas inocentes a clamar pelo vosso amor. Sim, não fecheis os vossos

corações à medida de vossas casas, mas abri-os à medida do mundo. Lembrai-vos de Angola; da multidão de filhos da rua. Cerca de quatro milhões de pessoas passam a Festa de Natal como refugiados, dentro da sua terra. Não quero roubar-vos a alegria; quero, sim, que seja mais completa. Que seja maior. Que tenha outra dimensão. Partilhai do que sois e do que tendes.

É tempo de Natal. A Televisão e outros Meios de Comunicação Social fazem a tradicional propaganda dos cabazes de Natal. Não são para o nosso povo. Os caminhos para lá chegar estão cortados. Há, sem dúvida, uma minoria que vai por eles. Por isso, a Festa, nos seus rodeios exteriores, está

cheia de contradições. Vamos tentar enfrentá-las, à nossa medida. Mais de duas centenas de pais e mães de família levarão o seu cabaz familiar, por nossa conta: óleo alimentar, farinha de milho, açúcar, leite, farinha de trigo e peixe seco. É o que mais apreciam. Por este caminho podemos chegar a Belém, o encontro do Salvador. Se tivéssemos alguma lembrança para os filhos mais pequeninos..., mas não. Para os nossos também não temos.

Que o vosso Natal seja de Paz! Seria o maior presente para Angola: A Paz! Ainda não chegou a hora. Vivemos a Esperança de que há-de chegar!

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

• DURANTE VÁRIOS ANOS foi uma presença assídua.

Duas ou três vezes por semana chegava com o seu sorriso, a sua capacidade de acolhimento e o seu saber feito de experiência de longos anos de ensino. Por grupos ou individualmente, alguns dos meus miúdos tentavam, com a sua ajuda, ultrapassar as dificuldades surgidas na aventura de balbuciar

A linda senhora andava desesperada!... Recorria a todos os vizinhos e amigos para que a ajudassem!...

Um dia, no ano 1963/64, alguém pediu a Padre Telmo uma ajuda para que retirasse o mais novo das «garras» do irmão que andava a prejudicar a educação.

Padre Telmo levou os dois irmãos e, à primeira falta, «castiga» o mais velho com uma lição que lhe deu a entender o respeito e as condições de convivência familiar.

Foi na Casa do Gaiato de Malanje que estes dois rapazes se salvaram; e, os restantes irmãos foram acudidos, na

sombra, pela Casa do Gaiato, o que faz que a linda senhora, ainda hoje, se sinta feliz e se lembre constantemente de Padre Telmo e da Obra da Rua.

Esta história é real. Os antigos gaiatos de Malanje conhecem-na, pois a senhora, muito linda, é a minha mãe!...

É nestas horas, d' aniversário da Obra da Rua, que me faço sentir e regozijar que Pai Américo e a sua luz bem iluminada, tenha salvo não só rapazes, mas famílias completas de um desespero familiar.

Um bem-haja à Obra da Rua; à minha família...

Manuel Fernandes

outros idiomas. Por razões várias, entre as quais as alterações de horários e a forma de apoio ao estudo, a senhora a que me refiro deixou de vir. Foi mantendo o contacto connosco, passando, de vez em quando, para cumprimentar e ver como íamos de saúde. Raramente a encontrei porque nos desencontrávamos nas suas vindas. Ela vinha sem anunciar, e eu saía a tratar disto e daquilo. Por um daqueles felizes acasos, encontrei-a onde menos esperava encontrá-la e perguntei: — Como vai? A resposta foi fora do normal e apanhou-me desprevenido: — Vou envelhecendo. Isto dito sem amargura, com um sorriso nos lábios, com a alegria e a tranquila serenidade que sempre lhe conheci.

Vim para casa a pensar na sua resposta. Senti que nas correrias da vida somos omissos uns para com os outros em muitos aspectos. A desculpa é sempre a mesma: Falta de tempo. Depois arrependemo-nos, mas já não há ocasião para reparar, o tempo de que dispúnhamos esgotou-se e fica-nos um sentimento de falta para com aqueles que nos amaram, que nós amamos e que foram importantes no nosso inseguro caminhar.

• DEI-ME UM POUCO de tempo para me sentar diante do Presépio. Faz bem parar e contemplar. No mistério de Jesus sempre me fascinou o nascimento em Belém e a vida escondida em Nazaré. A família no seu recolhimento, onde o amor cresce, as pessoas se respeitam e todos juntos constroem sonhos de futuro... Dei por mim a rezar pelos meus miúdos onde a família é escassa, pedindo que caminhem na direcção certa para construírem a sua própria família, onde possam dar expressão a tantos sonhos de afectividades várias que andam dentro de seus corações. Pedi também pela nossa Casa a fim de ser, dentro das possibilidades das nossas forças, uma família adoptiva para eles. Lembrei-me igualmente que uma base importante para que a família fun-

DOCTRINA



Natal dos Pobres!

NATAL dos Pobres! É cedo demais para retirar o letreiro. Não se trata de repetir nem de repisar: é tocar nos corações, o único instrumento do amor. As obras da Obra da Rua — conforme aqui se tem anunciado — não são de maneira nenhuma depósitos de rapazes sem lar, antes sarças de vida, redutos de amor. São Casas transformadoras, cheias de alegria, de luz, de humanidade. Dentro delas os nossos rapazes sentem-se felizes e procuram ser melhores. Se ele é verdade que hoje nada lhes falta, isso deve-se unicamente à compreensão de quem me ajuda; mas o certo é que cada um que chega ao limiar da nossa porta traz na história da vida o marco que o distingue — são pobres cem por cento. Muitos não sabem a terra onde nasceram, outros nunca ouviram falar do Natal e todos dão com a Pátria no lume que ora o aquece — perdidos nos montes, errantes nos caminhos, mordidos dos cães. Temos um que fez pausa no Entroncamento um Inverno inteiro, para se aquecer ao calor das locomotivas! Ele mesmo contou de como dormia enroscado e por muito tempo guardou na cama o mesmo jeito. Hoje não.

NÃO é de contar a ninguém o que vai na alma destas crianças, uma vez instaladas em sua Casa! Os olhos falam. A expressão revela. Abrem-se as faculdades do amor e com elas, por elas, o desejo de amar. Até ali ignorado e aborrecido, começa agora a compreender o seu valor — e encontra-se, possui-se, dá fé de si mesmo. Comunica-se. Dá-se inteiramente. Quer servir. Amora porque se sente amado. É a lógica do Evangelho. O amor destas crianças queima a gente. Não há no mundo maior recompensa para quem trabalha por elas, do que saber-se e sentir-se amado. Se a morte não fosse aproximação de um amor mais alto, eu havia de lhe querer mal, só porque me rouba este amor.

NATAL dos Pobres! As tuas dádivas preciosas, esses pacotes de infinito carinho que vais seguramente endereçar a qualquer das nossas Casas ou mandar ao Depósito, essas encomendas, digo, são a Mensagem de Jesus Infante que há-de ser lida por mim, do teu mando, a cada um dos nossos pequeninos.

CONTO passar o dia 25 em Miranda do Corvo, o Ano Novo em Coimbra, os Reis em Paço de Sousa. São três redutos de amor. Na igreja de Santo Ildefonso, à Missa das onze, recolhi dois mil e cinquenta escudos. Não foi de maneira nenhuma inferior aos mais peditórios porque nas outras igrejas pede-se, em regra, a três Missas. Amanhã devo pregar na igreja da Foz do Douro a lição do Samaritano. O pároco daquela freguesia também me abre as portas de par em par. Todos têm a mesma palavra de acolhimento. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

D. António

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

ção, é necessário dar-mo-nos tempo uns aos outros... Fica um propósito para o ano que vai começar: Que o fazer coisas não tire o tempo para dar aos outros e estar com eles, com oportunidade de lhes dizer quanto os admiro, estimo e amo. Que o Novo Ano traga tempo para vivermos uns com os outros em paz...

• UM MUITO OBRIGADO: Esta quadra do ano deixa-nos surpreendidos com os Amigos que nos visitam, nos deixam os seus mimos, a sua palavra de encorajamento e os seus donativos para que nada nos falte. Na noite de Natal tornámo-nos presentes diante do Menino a fim de que Ele os olhe no coração e os abençoe.

Padre Manuel Cristóvão

MOÇAMBIQUE

Demos a mão

VINTE e quatro horas de chuva intensa, encheram a nossa lagoa, quase vazia desde Julho e em perigo os peixes que ali se criam: Interrompemos a sementeira do milho, que já demorava; e outras, como o arroz, soja e girassol, tão importantes para a nossa manutenção, aguardam.

Esta chuva empenhadamente rogada a Deus como um dom para quantos nos cercam, é para um povo de economia agrária a única garantia de subsistência. Aliás o futuro não parece ter outras alternativas, nem para quem governa outra saída, senão promover o fomento agrícola para tirar o povo da miséria crónica.

Escrevia, porém, há dias, um jornalista local que «no nosso país não há leis que possam promover ou meios para promover a produção nacional porque dentro da lógica de mercado, isso não é conveniente». E um conceituado banqueiro moçambicano diz mesmo que «já houve planos de Governo que iam até ao camponês e um esforço conjugado para que a economia fosse caminhando nesse sentido. Basta recordar que a agricultura era definida como a base para o desenvolvimento. Mas a agricultura tem riscos e com a economia de mercado a agricultura não é base do desen-

volvimento. Estamos a ver-nos remetidos para áreas onde existem vantagens competitivas, como transportes, indústria, hotelaria e turismo».

Não está, portanto, à vista uma vontade de ajudar o povo, que se ajudas tem recebido em ordem ao seu desenvolvimento é unicamente das Missões e ONG's espalhadas por esse país fora. Se repararmos, porém, na indústria de construção civil, pelo menos em Maputo, está um claro florescimento em vivendas de luxo. Fala-se de uma que custou mais de um milhão de dólares e o seu aluguer é mesmo um «negócio da china». Bancos, hotéis, prédios de rendimento estão a crescer a olhos vistos. Diz-se, porém, que em muitos casos estão envolvidos dinheiros de contrabando e da rede internacional de droga.

Desde as inundações, vai em dois anos, estamos a trabalhar com a FAO. Ao fim do ano passado a rama da batata doce que daqui saiu, terá produzido um benefício de seiscentas toneladas de mantimentos para o povo desde as margens do Limpopo ao Incomati. Este ano, temos preparadas trezentas mil mudas de mandioca, para as populações com quem trabalhamos e quase outras tantas já foram levadas para o Instituto de Investigação Agronómica para mul-



Moçambique — um grupo dos mais pequenos brinca no salão.

SETÚBAL

Moralistas

QUANDO apareceu a primeira telenovela nas nossas televisões, fui um dos seguidores de todos os episódios. Para mim, foi a primeira e a última. A dependência que se criava por coisa tão banal, não tinha justificação.

Lembro este acontecimento da vida, pelo facto de haver nessa telenovela um personagem que representava o papel de um moralista; fazia-o no sentido mais negativo do termo — o tipo daquele que prega a moral, os bons costumes, quando na sua própria vida, deseja e pratica o contrário.

Os moralistas com este sentido pejorativo, foram de sempre. Os nossos dias não fogem à regra. Aqueles, procuravam como lucro da sua atitude, uma consideração elevada, um apreço com que desejavam ser tidos pelos outros. Hoje os moralistas já não buscam esta vanglória, pois isto já nada vale; buscam outra falsidade — as audiências!

Refiro-me aos meios de Comunicação Social, que usam quando querem ser vistos, ouvidos ou lidos pela maioria das

populações, de métodos com que se fazem de moralistas, *espionhando* a vida dos indefesos e apresentando-se como obreiros da justiça, defensores dos desprotegidos. Actuais tecnocratas, engalanados no seu alienante, armados em defensores de um direito a informar que não tem em conta a devastação que provocam naqueles que dizem defender.

Moralistas dos nossos dias que apregoam a sanidade nas relações entre as pessoas, quando é conveniente, ao mesmo tempo que publicitam sem respeito por nada nem ninguém, aquilo mesmo que antes acusavam de atentatório da dignidade das pessoas.

Como em todos os maus usos do poder, os fins justificam os meios. O lucro e as influências, neste caso, justificam que se deite a perder a

dignidade de quem quer que seja.

A moral pressupõe sempre o respeito pela dignidade do outro, mesmo se apanhado em pecado: «Mulher, ninguém te condenou?... Nem Eu te condeno...». Apontando simultaneamente para o bem: «Vai e doravante não tornes a pecar».

Este modo de agir não espera nunca lucrar com as situações imorais, antes ganhar pela conversão do outro, um novo irmão: «Veio hoje a salvação a esta casa, por este ser também filho de Abraão».

A mentira e a vaidade vão continuar, embora o ano seja novo. O poder do dinheiro há-de manter-se, mesmo à custa de vidas inocentes. Certo é que um dia, os velhos incriminadores, como os de Susana, hão-de ser descobertos na sua mentira. Um Jovem se levantará e revelará sobre os telhados, toda a mentira dissimulada em bem querer.

Padre Júlio

PENSAMENTO

O Amor não conhece tempo nem marés.

PAI AMÉRICO

Segundo volume do livro «O Calvário»

ATENDENDO às nossas limitações ainda não foi possível despachar, pelo correio, o segundo volume d' *O Calvário* para os Assinantes da nossa Editora.

É de crer, porém, que a nossa gente, mais apta para a tarefa, dê solução ao trabalho a partir do Ano Novo, se Deus quiser.

É uma rica obra, até para esta quadra natalícia, ora tão inflacionada de bugingangas.

Na voz do Padre Baptista, «só os humildes entendem o Natal». E continua: «Nesta 'aventura' do Calvário nos meteu Pai Américo. E para prosseguirmos confiantes e humildes deixou-nos a certeza de que 'aventuras desta natureza é o amor de Deus que as alimenta'. Por caminhos tortuosos temos continuado a andar na busca daqueles para quem o Calvário é o Abrigo que Pai Américo desejou.

A primeira série de textos fala de novos encontros com doentes e inválidos — na senda dos Doentes.

A segunda série aponta para o seu viver em serenidade e entreajuda fraterna.

A vida pode ser vivida em plenitude, mesmo por aqueles a quem a fragilidade humana impõe limites ou restrições graves.

A força para a paz que eles respiram advém da sabedoria do seu viver.»

A nova obra tem trezentas e vinte páginas, impressas em *offset*, com a sugestiva capa plastificada — para ser mais durável no tempo.

Júlio Mendes

tiplicar e distribuir nas Províncias do Norte onde a mandioca foi dizimada por vírus.

Demos a mão, com algum prejuízo para as nossas próprias culturas. A grande vantagem destas é que mesmo demorando cinco meses ou um ano, sendo batata doce ou mandioca pode ficar até três anos na terra que pouco perderá do seu valor, constituindo, assim, uma reserva alimentar alternativa para qualquer época do ano.

É nada, porém, olhando às necessidades reais de um país que cada vez mais se reduz às grandes cidades e nestas a um grupo de privilegiados. As nossas Missões estão activas por aí fora, promovendo não só a Fé como a cultura e a formação humana. Mas em poucos dias morreram três Padres, por sinal dois moçambicanos. E eles são tão poucos!

Se Pai Américo dizia que não se pode pregar a estômagos vazios, como promover os direitos humanos neste mundo postiço que se está alcandorando por terras moçambicanas? Um exemplo recente: Há dias, os nossos pos-

tos de saúde tiveram a visita do Director Provincial de Saúde. Quando pensávamos que ia ficar contente com o serviço que gratuitamente a Obra presta ao povo, na recuperação de crianças desnutridas, no atendimento à malária (catorze mil, no ano passado e quase tanto neste) e outros da área materno-infantil, fomos repreendidos por usar medicamentos que ele ainda não autorizou. Não nos dá medicamentos porque também os compra. Não nos dá um enfermeiro porque também não os tem. Não sei se acontece o mesmo com o pessoal da Educação. Veio no jornal que morreram mais professores com sida do que saíram formados num ano. Em Boane, aconteceu isso mesmo ao responsável pelas campanhas de saúde.

É pouco o que podemos fazer com as ajudas preciosas que nos mandam, para além do trabalho estrito da Casa do Gaiato, mas não nos negaremos a continuá-lo, mesmo enfrentando a má vontade de quem tinha obrigação de o fazer.

Padre José Maria

MALANJE

Cantinho dos rapazes

CONVIDO-VOS a um momento de reflexão:

Um estilo de vida que nos conduza à simplicidade... Lançarmos fora o supérfluo e vivermos em alegria com o necessário. Reside aqui o segredo das vidas felizes.

Mas quanta força e coragem para não sermos arrastados para o mar do consumismo... Tudo nos convida: Modelo da nossa sociedade, comunicação social, o nosso próprio e inato desejo de ter sempre mais.

Que bom se abraçassemos este dito: «Ter menos para sermos mais».

Há dias, vi um saco cheio de camisas: «É de fulano».

Continha trinta. «Vestes isto tudo?» Silêncio e olhos no chão.

Ele nem imaginava que tinha tantas camisas. Foi acumulando, tirando, roubando?! Sempre mais!

O próprio Evangelho nos convida à simplicidade — contrária ao espírito de ambição: «Olhai os lírios do campo».

Sei e todos vemos que os exemplos desta sociedade naufragada no «tal» mar seduzem e igualmente arrastam-nos.

Optai pelo ser... O ter muita coisa conduz a nada.

Pensaste, alguma vez, tirar das tuas trinta, algumas camisas para tantos Pobres que batem à nossa porta?

Darmos o que nos sobra... Se, todos nós, nos contentássemos com o necessário, a sociedade seria mais justa, menos ambiciosa, haveria menos fome e, quase nulos os motivos das guerras.

Queridos rapazes: aqui nos fica, em nosso *Famoso*, esta nossa reflexão.

Padre Telmo